

## GUERREIRAS DA QUEBRADA: O EMPODERAMENTO DA MULHER DA PERIFERIA NO PROGRAMA “ESQUENTA!”

---

**GUERRERAS DE LA PERIFERIA:  
EL EMPODERAMIENTO DE LA MUJER DE  
LOS AFUERAS EN EL PROGRAMA TELEVISIVO  
“ESQUENTA!”**

---

**PERIPHERY BRAVE WOMEN:  
THE EMPOWERMENT OF THE PERIPHERY  
WOMEN IN THE “ESQUENTA!” TV SHOW**

*Recebido em: 13 out. 2015*

*Aceito em: 6 jun. 2016*

---

**Regiane Regina Ribeiro:** Universidade Federal do Paraná (Curitiba-PR, Brasil)  
Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, professora permanente e coordenadora do PPGCOM/UFPR na linha de Comunicação, Educação e Formações Socioculturais.  
**Contato:** [regianeribeiro5@gmail.com](mailto:regianeribeiro5@gmail.com)

**Luciane Leopoldo Belin:** Universidade Federal do Paraná (Curitiba-PR, Brasil)  
Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPR (2010) e Mestranda em Comunicação no PPGCOM/UFPR na linha de Comunicação, Educação e Formações Socioculturais.  
**Contato:** [lucianebelin@gmail.com](mailto:lucianebelin@gmail.com)

## RESUMO

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais e amparado metodologicamente na análise de conteúdo, este artigo discute a presença da figura feminina na televisão, mais especificamente no programa “Esquenta!”, da Rede Globo. O recorte que se faz neste artigo são as mulheres da periferia e a forma como são retratadas por meio de suas próprias falas e no discurso da apresentadora do Regina Casé. A partir da análise realizada, percebeu-se que destacam-se no programa os papéis de mãe e de mulher provedora. Assim, “Esquenta!” se utiliza das histórias das próprias participantes e da ação da apresentadora Regina Casé para promover um empoderamento das mulheres da periferia.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gênero. Periferia. Feminismo. Televisão. Comunicação.

---

## RESUMEN

Fundamentado en los Estudios Culturales y amparado metodológicamente en el análisis de contenido, ese artículo discute la presencia de la figura femenina en la televisión, más específicamente en el programa “Esquenta!”, de la Rede Globo. El recorte del artículo son las mujeres de la periferia y la manera como son retratadas por medio de sus propias palabras y en el discurso de la presentadora Regina Casé. En este contexto, se destacan los roles de madre y de mujer fuerte, lo que diferencia el programa “Esquenta!” de la mayoría de las atracciones televisivas, que normalmente descalifican y materializan la mujer. Por medio de la utilización de sus propias historias y de la acción de la presentadora Regina Casé, promueve el empoderamiento de las mujeres de la periferia.

**PALABRAS-CHAVES:** Género. Periferia. Feminismo. Televisión. Comunicación.

---

## ABSTRACT

From the perspective of Cultural Studies and supported methodologically on content analysis, this article discusses the presence of the female figure on television, specifically in “Esquenta!” TV Show, from Rede Globo. In this article, we concentrate on the women of the periphery and the way they are portrayed through their own words and through the speech of the presenter Regina Case. In this context, we highlight the roles of mother and provider women – what most differentiates this program from the others of this kind, that normally disqualify and objectify women – and how “Esquenta!” speaks through their own stories and the host Regina Case action to promote women’s empowerment in the periphery.

**KEYWORDS:** Gender. Periphery. Feminism. Television. Communication.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se o que aconteceu, mas não se sabe quando nem onde se deu o primeiro arrombamento do feminismo. Uso a metáfora deliberadamente: chegou como um ladrão à noite, invadiu, interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais (HALL, 2009, p. 196).

A citação que abre este artigo é um trecho do ensaio “Os Estudos Culturais e seu legado teórico”, que integra o livro “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, de Stuart Hall. Nela, o autor usa a metáfora de uma invasão para ilustrar a maneira como os estudos de gênero e o feminismo chegaram à seara da teoria – repentina e imponentemente. Assim como nos Estudos Culturais, perspectiva da qual Hall é um dos grandes nomes, as investigações que se dedicam a desconstruir os papéis até então atribuídos a homens e mulheres e a analisar as influências sociais de fenômenos como o feminismo estão cada vez mais presentes nas ciências sociais e humanas de maneira geral.

As discussões de gênero extrapolaram também as muralhas do mundo acadêmico e se consolidam em outros campos sociais, acompanhando uma série de evoluções e conquistas, especialmente com relação aos direitos das mulheres. A maneira como se constroem as múltiplas identidades da mulher no século XXI ainda passa pelos papéis e funções tradicionalmente atribuídos a ela – de mãe, de mulher, de indivíduo frágil e guiado pelos sentimentos, entre outras características estereotipadas –, mas é possível perceber uma certa abertura para a diferença e para um leque maior de atribuições.

Contudo, o olhar sobre a mulher como um ser que, por instinto, se arma e se reforça para defender a família ainda prevalece em grande parte das sociedades. Isso não é diferente na cultura brasileira, marcada por um modelo familiar firmado sob uma série de padrões, como a heterossexualidade. O papel da televisão é crucial para reforçar tais padrões, mas também para questioná-los. Uma breve observação sobre a programação dos mais diferentes canais televisivos do país revela a variedade de formas sob as quais as mulheres vêm sendo retratadas em cada atração, seja ficcional ou noticiosa. Exemplo disso são os programas de auditórios brasileiros, que são reconhecidos como atrações carregadas de objetificação nas formas de tratar a mulher – seja ela a apresentadora do programa, convidada ou parte do elenco ou *staff*. Grande parte produções deste gênero televisivo veiculadas no país são marcadas pela presença dos grupos de dançarinas e assistentes de palco vestidas com roupas que salientam o corpo feminino, com o objetivo de atrair a atenção do público unicamente para o aspecto físico, reforçando alguns padrões estéticos de beleza. Entre os precursores desta prática está a “Discoteca do Chacrinha” (1957-1972), um dos primeiros programas de auditório brasileiros e que se consagrou pela presença das *chacretes*, que traziam figurinos ousados para a época.

Esta é, no entanto, apenas uma das formas pelas quais os programas de auditório em geral se utilizam da imagem da mulher, que também aparece objetificada, quando não retratada com sensacionalismo em quadros

dedicados a assistencialismo, à família ou a relacionamentos amorosos.

Neste artigo, discute-se a presença da figura feminina entre as convidadas do dominical “Esquenta!”, um dos programas de auditório em exibição atualmente pela Rede Globo de Televisão. Apresentado também por uma mulher, a carioca Regina Casé, a atração em questão se diferencia em parte do formato convencional de auditório no que diz respeito à representação da mulher. Embora parte do elenco esporadicamente apareça com roupas mais expositivas, homens e mulheres do *staff* de palco em geral seguem uma linha similar de figurino, que converge com a temática de cada edição.

Veiculado aos domingos, por volta das 12h30, o programa alcança em média 60 minutos de duração e se propõe a criar um clima festivo, com a presença de convidados famosos e anônimos – que chegam para contar suas histórias, participar da plateia ou dos quadros de jogos –, com ênfase em temas culturais relacionados à população das periferias das grandes cidades, com a utilização predominante de danças e ritmos musicais como o samba, o pagode, sertanejo, o funk e o hip hop – estilos também frequentemente associados à hiperssexualização da figura feminina.

Tendo em conta as particularidades do programa “Esquenta!”, este artigo se propõe a identificar quais são os papéis ou os perfis femininos mais frequentemente retratados pela atração televisiva em questão, bem como discutir o viés com que são retratados, partindo da hipótese de que, na maior parte dos casos em que a mulher aparece com um olhar empoderador, é por conta do papel de mãe.

O objetivo, nesse sentido, é discutir essa apresentação que o programa faz das mulheres que vivem na periferia. Para tanto, a partir de um recorte nas primeiras dez edições do ano de 2015, foi desenvolvida uma análise de conteúdo de caráter quantitativo e qualitativo, a partir das cenas protagonizadas por mulheres não-famosas moradoras da periferia. Levou-se em consideração a participação destas mulheres e o discurso da apresentadora com relação a elas, categorizando as participações em uma série de perfis.

#### A MULHER DA PERIFERIA

Um dos grandes motes do programa “Esquenta!” é a presença da população da periferia, seja na plateia, seja no palco. No entanto, a periferia da qual se fala já não é mais um conceito exclusivamente geográfico – e sim, social. Historicamente, este termo está associado à condição de regiões mais afastadas, às margens dos centros urbanos. A percepção de que essas localidades em geral apresentam índices econômicos menores em relação ao centro fez com que o conceito de periferia passasse a ser associado a uma população em condições de pobreza. Nos últimos anos, “periferia” se tornou sinônimo de comunidade pobre ou favela, que já não mais se localizam necessariamente distantes do centro. Na geografia das grandes cidades, a periferia divide espaço com bairros de luxo e condomínios residenciais de alto padrão, em uma convivência marcada pela desigualdade social e pelo preconceito.

Em vez de bairros populares reais com suas diferenças e suas

especificidades, onde relações sociais extremamente complexas se estabeleciam, o título icônico – favela – construiu imagens dotadas de elevado índice de artificialidade, repletas de ideias preconcebidas, estigmas e romantizações. (MEIRELLES e ATHAYDE, 2014, p. 10)

A origem das favelas brasileiras está ligada à história de apropriação do trabalho e cultura da população negra, que chegou escravizada ao Brasil e continuou sendo explorada mesmo depois da liberação legal. As favelas seriam derivações de formações urbanas criadas por escravos libertos, que se reuniam em comunidades. De acordo com KEHL, “no Brasil, discute-se se a ‘favela’, tal como surgiu no Rio de Janeiro no final do século XIX, é uma construção original em si, ou se é originária, filha direta dos cortiços” (KEHL, 2010, p. 31).

Embora sejam formadas majoritariamente por pessoas que se identificam como pretas ou pardas, as favelas são marcadas pela heterogeneidade e pela pluralidade.

... pessoas atingidas em cheio pelos séculos de contradições do sistema (...). São as mesmas pessoas que, há séculos, vêm vivendo à margem da sociedade, que pelos mais diversos motivos foram constringidas a passar suas vidas sem atingir o patamar mínimo em que estão seus supostos irmãos mais bem aquinhoados. Estas pessoas, ‘excluídas’ da sociedade humana, não deixam, entretanto, de ser humanas; mas elas expressam sua hominidade de outra maneira (KEHL, 2010, p. 13).

A construção da identidade da população residente nas favelas brasileiras é influenciada pela representação deste público na esfera midiática, que com frequência retrata este nicho da sociedade por um viés estigmatizado de pobreza e marginalidade.

No entanto, uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Favela em 2013, com 63 favelas em dez regiões metropolitanas do Brasil, ouviu duas mil pessoas e trouxe resultados importantes sobre o potencial de consumo e expressões culturais destas pessoas. Segundo o levantamento, 94% dos entrevistados se consideram felizes – apenas um ponto abaixo da média dos brasileiros de maneira geral. “Desmentindo a crença vigente, 81% dos moradores gostam da comunidade em que estão fixados e 66% não estão dispostos a abandoná-la. De maneira plena ou com restrições, 62% admitem ter orgulho do local onde vivem” (MEIRELLES E ATHAYDE, 2010, p. 30).

Estes resultados desmistificam em parte a crença do senso comum, corroborada pela cobertura midiática, de que as favelas são um ambiente de hostilidade, criminalidade e insatisfação com a condição de pobreza, bem como de estereotipação e marginalidade. De acordo com a pesquisa, juntas, as favelas brasileiras movimentam 63 bilhões de reais a cada ano e, na época em que a investigação foi realizada, a maior parte de seus habitantes já era classificado como pertencente à classe C.

Dentro deste grupo social de periferia, destaca-se atualmente o papel das mulheres. Apesar das realidades de machismo e opressão contra a figura feminina que se verifica em geral na sociedade brasileira, nas favelas, as mulheres são responsáveis para redefinir as formas de organização da

vida familiar e a maneira como se estruturam as próprias comunidades.

Elas chefiam quase 40% dos lares. Em metade deles (20% do total), criam sozinhas um ou mais herdeiros. Em muitos casos, foram abandonadas pelo companheiro. Em outros, resolveram seguir a vida por conta própria, depois de sofrerem com a infidelidade ou com a incapacidade do cōnjuge de garantir a provisōo doméstica. Nōo o raro, no entanto, encontrar-se a viuva, aquela cujo parceiro caiu vītima da violēncia urbana (MEIRELLES E ATHAYDE, 2010, p. 88).

Essa reorganizaçōo ou ressignificaçōo emerge de uma dupla condiçōo de minoria: ser mulher e da periferia. Isso a coloca em uma situaçōo de deslocamento (HALL, 1997) que a exime de construir uma identidade feminina periférica essencialista, ou seja, sua representaçōo feminina da periferia ganha em multiplicidade, na medida em que nōo pode ser aprisionada em uma categoria, tampouco em preceitos de gēnero que nōo dāo conta da vivēncia singular deste ser concreto. Nesse processo, as mulheres da periferia respondem às demandas locais pelo viés disjuntivo da alteridade, a partir de configuraçōes identitárias de resistēncia e sobrevivēncia.

Estas configuraçōes e arranjos determinam uma contribuiçōo importante aos estudos de gēnero e de cultura periférica, jā que, tal como os sujeitos marginalizados, essas mulheres passam a ser protagonistas da própria histōria, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos, em um processo de autoconhecimento e transgressōo.

Talvez seja por isso que estas mesmas mulheres sejam apresentadas na pesquisa do Data Favela como conscientes dos processos sociais de construçōo da identidade da mulher negra e de periferia, atentas a questōes como a comunicaçōo e representaçōo da favela nos ambientes midiáticos. Nōo se reconhecendo na maneira como o jornalismo e a publicidade as representam e acreditando que a televisōo nōo seja capaz de representar o seu verdadeiro espaço de origem.

#### **ESTUDOS CULTURAIS E FEMINISMO: O EMPODERAMENTO DA MULHER**

No universo acadēmico, a produçōo teórica se ampliou conforme se intensificaram as lutas femininas e feministas por igualdade de direitos – como, por exemplo, ao voto, ao acesso à educaçōo de ensino superior, à entrada no mercado de trabalho e a melhores salários.

Foi no inīcio do sēculo XX que a insatisfaçōo com a invisibilidade e ausēncia de voz feminina sobre temáticas sociais – inclusas as que dizem respeito unicamente às mulheres – passaram a pautar discussōes polīticas da esfera pūblica e a motivar manifestaçōes por parte destas mulheres.

As lutas feministas tiveram diferentes expressōes, heterogēneas como o próprio feminismo. A relaçōo entre essas lutas e o feminismo teórico o fundamental, produzindo debates em que as fronteiras entre a luta polītica e a atividade intelectual e acadēmica sōo, em geral, mais porosas do que nas correntes predominantes da teoria polītica. Nas lutas pelo voto feminino e pelo acesso das mulheres à



educação, assim como na exigência de direitos iguais no casamento e no direito ao divórcio, do direito das mulheres à integridade física e a controlar sua capacidade reprodutiva, o feminismo pressionou os limites da ordem estabelecida, é claro, mas também das formas de pensar o mundo que a legitimavam. (MIGUEL e BIROLI, 2014, p. 08).

Uma das principais marcas das discussões sobre as temáticas ligadas ao feminismo versa sobre a fronteira entre o que é da esfera pública e o que é do âmbito privado dentro de um determinado campo social. Ou seja, extrair as mulheres e assuntos pertinentes a elas de dentro dos espaços domésticos e perceber, na recorrência de determinadas situações individuais problemáticas, que algumas delas são, na verdade, de competência de instâncias mais amplas, mas que até então não se discutiam por serem percebidas como assuntos internos às famílias e ao lar.

Este foi, para HALL, um dos principais motivos pelos quais o feminismo foi tão importante para linhas de investigação como os próprios *Cultural Studies britânicos*<sup>1</sup>, em que os estudos feministas correspondem a uma verdadeira ruptura na linha de pesquisa. “Primeiro, a proposição da questão do pessoal como político – e suas consequências para a mudança do objeto de estudo nos estudos culturais – foi completamente revolucionário em termos teóricos e práticos” (HALL, 2009, p. 196). Essa discussão impulsionou ainda a necessidade de repensar conceitos que já se considerava consolidados, como a própria ideia de “poder” e a necessidade de se compreender as relações de gênero para que também se compreendessem as relações de poder.

Os estudos de gênero estão ligados aos aspectos culturais, sobre os quais se debruçam os *Cultural Studies*, especialmente a partir da década de 50, quando foram intensificadas as discussões acerca das interseções entre as práticas culturais e as lutas políticas. O principal movimento que influenciou este deslocamento do pensamento sobre a cultura foi a chamada *New Left*, na Inglaterra, que ampliou o alcance de fala a uma parcela da sociedade que até então era silenciada pelas classes hegemônicas, como as próprias mulheres.

Essa luta por direitos passou a interessar aos teóricos também no sentido que contribui com diferentes posicionamentos identitários para as mulheres – elas se afastam de um lugar de escuta, majoritariamente, e passam a um lugar que também é de fala.

O afastamento das singularidades de ‘classe’ ou ‘gênero’ como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. (...) Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2013, p. 20).

Ainda em construção, o próprio feminismo é exemplo de temática

<sup>1</sup> “Essa relação entre o feminismo e os Estudos Culturais (EC) é, no entanto, conflituosa. Uma das críticas recorrentes à corrente britânica dos EC é que estes teriam se apropriado da pertinência das lutas feministas sem, no entanto, dar às autoras mulheres o devido espaço.

que se situa neste “entre-lugar” sugerido por Bhabha. É este terceiro espaço híbrido que promove e “desloca as histórias que o constituem, e estabelece novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas” que, “ao serem mal compreendidas através da sabedoria normativa” a desestabilizam e abrem brechas para uma miríade de compreensões da cultura (BHABHA, 1990, p. 211).

Esse processo se configura pela linguagem, ou seja, é no nível do discurso que essas mulheres traçam sua rota com o intuito de compreender as traduções culturais e a hibridização que as constituem. A busca pela identidade, de acordo com Homi Bhabha, é sempre agonística porque a identidade é sempre uma imagem, ainda que “muito autêntica”, ela continua sendo imagem (e, por isso, nunca é substancial).

Bhabha explica que o acesso à imagem da identidade seguindo uma imagem só é possível por meio de uma negação do sentido de originalidade ou da ideia de plenitude, “através do princípio de deslocamento e diferenciação (ausência/presença; representação/repetição)” que de uma forma ou de outra torna a realidade ambígua. E, nestes termos, o processo relacional da identidade (a imagem) é de modo dúbio uma “substituição metafórica, uma ilusão de presença” e, por isso mesmo, uma “fronteira movediça da alteridade na identidade” (BHABHA, 2010).

Assim, quaisquer das tentativas de representação das minorias tornam-se híbridas por conterem traços dos dois discursos, que se misturam num complexo jogo de alteridade e distinção, no qual intentar uma autenticidade é algo impossível. Numa definição que antecipa suas discussões acerca do entendimento de uma “tradução cultural”, o crítico indiano afirma que a hibridização é um modo de conhecimento, um meio de entender e também perceber as transformações – conflitantes - sociais e culturais. (BHABHA, 2002 apud SOUZA, 2004, p. 113).

A pluralidade que permeia o movimento e a diversidade de demandas do feminismo fora dos ambientes acadêmicos são algumas das marcas que demonstram o quanto o lugar do estudo de gênero no campo social e na esfera pública ainda está em construção.

No entanto, não se pode dizer que estas linhas de pesquisa – seja dentro dos Estudos Culturais ou não – proporcionam um certo empoderamento (*empowerment*, para BHABHA) da mulher nos mais diferentes espaços e campos sociais. “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.” (BHABHA, 2013, p. 21).

Em sociedades marcadas ao mesmo tempo pelo tradicionalismo e pela multiculturalidade, como é o caso do Brasil, essa indefinição sobre o que seria o papel da mulher é muito presente, assim como é perceptível o surgimento de momentos e cenários possíveis de empoderamento da mulher – por vezes, mediados pelos meios de comunicação como a própria televisão.

No programa “Esquenta!”, a mulher é representada de diferentes maneiras. A mulher que vem da periferia e que está presente como convidada para contar sua história ou como parte da plateia, interagindo no palco, também recebe diferentes olhares e pode, mesmo que com o tempo limitado e entre intervenções da apresentadora, se colocar como



falante, em situações como as que serão descritas a seguir.

### A MULHER DA PERIFERIA NA TV

O programa “Esquenta!” recebe a cada edição uma plateia formada por caravanas de diferentes regiões do Brasil, em geral não relacionadas ao meio artístico. A principal participação popular se dá por meio de entrevistas com grupos convidados, pela interação com o auditório ou pela realização de quadros que fazem parte da grade fixa da atração, como é o caso do “Calourão”, uma espécie de show de talentos. Dentro do recorte temporal aqui utilizado – os dez primeiros programas veiculados em 2015<sup>2</sup> –, foi realizada uma observação dos papéis femininos que se apresentam com mais frequência e se destacam nas edições. Com a aplicação da técnica de análise de conteúdo de caráter híbrido – parte quantitativa, parte qualitativa –, lançou-se um olhar sobre os textos contidos no produto analisado e se estabeleceram uma categorização e uma classificação do material avaliado.

Neste caso, foram selecionadas as cenas em que o programa apresentou pessoas que se enquadram na categoria de “não-famosos”, indivíduos comuns que tenham protagonizado trechos do programa, seja por entrevista ou qualquer outra interação mediada pela apresentadora. Esta primeira seleção totalizou 33 segmentos, que foram separados entre cenas protagonizadas por homens e outras por mulheres cis e transgênero<sup>3</sup>. A partir disso, foram isolados segmentos em que as protagonistas da cena se posicionaram como moradoras de favelas ou comunidades marginalizadas.

Dos 33 registros iniciais, 19 (57%) tiveram mulheres como protagonistas, 8 (24%) foram dedicadas a contar histórias de homens e 6 (18%) foram protagonizados por casais heterossexuais, conforme o Gráfico 1.

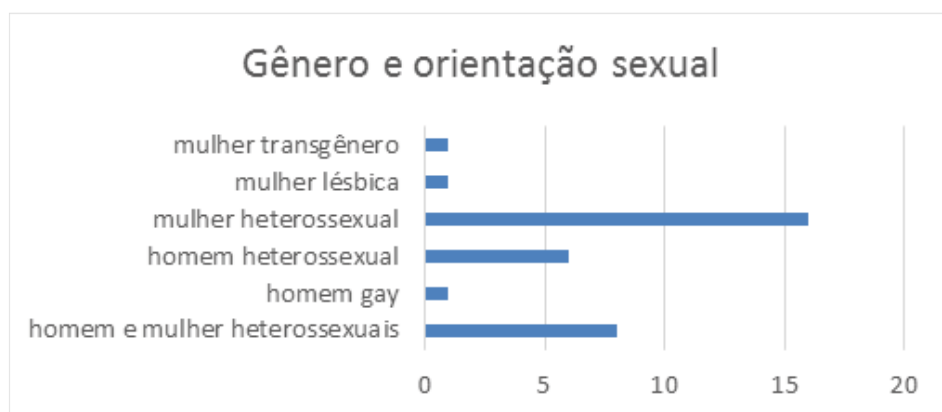


Gráfico 1 – Gênero e orientação sexual

Fonte: Elaborado a partir dos dados coletados pela pesquisadora

Do total de cenas protagonizadas por mulheres, em 63% dos casos, ou seja, em 12 das 19 aparições, as cenas foram consideradas como sendo de empoderamento da mulher, no sentido de que abrem espaço para que a mulher se manifeste, fale e conte sua história, ou, ainda, sendo descritas de maneira positiva ou engrandecedora na fala do elenco do programa e da própria Regina Casé.

A partir disso, foi feito um último recorte entre as mulheres que

<sup>2</sup> Programas veiculados pela Rede Globo nos domingos entre 04/01 e 08/03/2015 e gravados pela pesquisadora. Também estão disponíveis em <<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/videos/>>. Acesso em 14/08/2015.

<sup>3</sup> Cisgênero ou cissexual refere-se a pessoas que se identificam com o gênero com o qual nasceram, enquanto transgênero é a pessoa que não se reconhece pelo gênero de nascimento. Uma mulher transgênero é aquela que nasceu com corpo de homem, porém se identifica como mulher.

se manifestaram como sendo da periferia e as que não se identificaram como tal. O corpus final, reduzido a 10 segmentos protagonizados por mulheres (sendo elas heterossexuais, lésbicas ou mulheres transgênero), mostrou que a porcentagem de cenas em que houve empoderamento das mulheres foi de 80%. Nos outros 20%, as duas cenas restantes, o segmento pode ser considerado neutro – diferente do recorte inicial em que as cenas com mulheres, sendo elas da periferia ou não, eram neutras em 21% dos segmentos e desempoderadores ou, de certa forma, pejorativos, em 15% das ocasiões.

Dentro deste corpus final de dez segmentos, as mulheres da periferia que tiveram espaço nas edições em questão de “Esquenta!”, foram criadas algumas categorias correspondentes aos perfis ou características predominantes, conforme disposto a seguir:

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
Mãe/ mulher forte pelos filhos	Mulheres com histórias de vida de superação das dificuldades do cotidiano para criar os filhos e prover o sustento da família
Guerreira/ independência, determinação, luta social	Mulheres que se destacaram na cena por atitudes de luta e imposição da própria identidade, superação de desafios pessoais e profissionais, porém não necessariamente com o objetivo de criar os filhos
Jovem/deslumbramento	As aparições em que as mulheres foram retratadas como jovens dotadas de ingenuidade
Sedutora/ objetificação	Categoria dedicada às mulheres retratadas pelo viés da sexualidade, objetificadas pelas características físicas. No entanto, no recorte de mulheres da periferia, não foi verificado o aparecimento deste enquadramento;
Outros perfis	Mulheres que se apresentem de outras formas, que não pela força, nem pelo lado maternal, mas também não são apresentadas pelo viés da objetificação ou pela inexperiência.

Quadro 2 – Perfis femininos em “Esquenta!”: descrição  
Fonte: Elaborado a partir dos dados coletados pela pesquisadora

As aparições destes três perfis foram percebidas dentro do programa na seguinte proporção, conforme o Gráfico 2:



Gráfico 2 – Perfis femininos em “Esquenta!”: percentuais  
 Fonte: Elaborado a partir dos dados coletados pela pesquisadora

Predomina, portanto, em 80% dos casos – se somadas as duas primeiras categorias, o retrato de uma mulher de periferia que é empoderada e ativa, forte, que luta pelos seus direitos e é responsável por si mesma e pelos seus. Este primeiro resultado converge com o olhar de MEIRELES e ATHAYDE na Radiografia das Favelas Brasileiras, onde ambos observaram que

Se perscrutamos a família da favela, vemos ali, com frequência, uma mãe dedicada e carinhosa, mas que se integrou ao mercado de trabalho. Ela assumiu as responsabilidades e precisou munir-se de uma série de conhecimentos adicionais para gerir o seu grupo. Frequentemente, apresenta-se como boa arrumadeira, enfermeira, cozinheira e psicóloga. Multidisciplinar, surpreende ainda como competente contadora, diligente gestora e especialista em consumo. Ela sabe bem o que é caro, e quais coisas caras têm lugar garantido na lista de compras. Compara preço e qualidade, e logo descobre com quem reclamar quando encontra falhas em produtos e serviços. Já decorou seus direitos e lutará tenazmente para que prevaleçam (MEIRELES E ATHAYDE, 2010, p. 89).

No entanto, diferente do que se tinha como hipótese ao iniciar este trabalho, a característica ou papel social relacionado à maternidade não foi pré-requisito para que as mulheres fossem retratadas como figuras fortes e imponentes. Elas aparecem descritas dessa forma mesmo quando suas histórias de vida não são relacionadas com a família e com os filhos, especialmente na segunda categoria, onde são retratadas como verdadeiras guerreiras vindas das “quebradas”, como são popularmente chamadas as favelas ou comunidades.

#### A MANIFESTAÇÃO DE CADA PERFIL

O principal recurso de exaltação destas características de cada perfil é a fala da própria apresentadora Regina Casé, que interage diretamente junto

a cada uma das entrevistadas que fazem parte do corpus, estimulando que elas contem suas histórias, e reforçando através de adjetivos e de pedidos de músicas a qualificação das mulheres que estão no palco no momento.

Foi possível perceber, por meio de uma análise dos diálogos travados entre a apresentadora e as entrevistadas, que segue-se um formato padrão em todos eles: a fala é iniciada por Regina Casé, que faz perguntas; a entrevistada responde, mas sem desenvolver a fala por longos períodos, em geral a fala é curta; a apresentadora retoma a fala e fecha a entrevista com um discurso mais longo, exaltando características como a força, a coragem, a fibra da entrevistada, fazendo alusão às dificuldades enfrentadas por ela, a questões como o preconceito e a pobreza, e enfatizando a superação como característica da mulher e do povo brasileiro de maneira geral. Foi recorrente também a intervenção de um ou outro membro do elenco fixo, que interage pedindo palmas, iniciando uma canção ou fazendo um elogio à entrevistada. Um dos exemplos em que esta estrutura se repete é o diálogo entre a apresentadora e a convidada Laurinha do Camarão.

<sup>4</sup> Trecho extraído da edição veiculada em 04 de janeiro de 2015 do programa “Esquental!”.

Regina: Laurinha, como é que você se tornou ambulante na praia?  
 Laurinha: O pai dos meus filhos foi embora e me deixou com três filhos pequeno. Os meus vizinho tudo vende camarão, e falou, vamo vende camarão pra nós. Eu falei não, vou vender pra mim mesmo. Aí eu catei uns cobre, uns ferro velho, comecei com cinco quilo de camarão, e hoje to aí, no Esquental.  
 Regina: 'cê catou na rua?  
 Laurinha: Cobre, ferro velho.  
 Regina: E o seu primeiro investimento foram cinco quilos?  
 Laurinha: Cinco quilo de camarão.  
 Regina: E de lá pra cá esta é a sua profissão...  
 Laurinha: 13 anos na Charita, Niterói, Camarão da Laurinha.  
 Regina: Puxa, que bacana. E cê gosta de trabalhar na areia da Praia, Laurinha?  
 Laurinha: Eu amo aquela praia, mantém meus filho e meus netos.  
 Regina: Os netos também, por que você cuida dos netos?  
 Laurinha: Minha nora foi embora deixou três netos e eu cuido  
 Regina: Isso é tão comum. Quantas mulheres tem assim? Chefe de família no Brasil eu digo, não é só mãe. Em geral é avó, que cuida dos filhos e que cuida dos netos.  
 Péricles: Então bate palma aí, gente, faz barulho! Viva a Mulher brasileira!<sup>4</sup>

Esta fala é um dos segmentos caracterizados no perfil de nº 1) Mãe, que também engloba a participação da senhora Surica, responsável pela Feijoada da Portela, na escola de samba de mesmo nome, e que atua com dedicação maternal à própria Escola, e a da enfermeira Vera, que trabalhou por anos na profissão e que influenciou o filho a seguir na mesma área, por meio da qual ele alcançou o sucesso profissional. Ambos tiveram papéis importantes na vida pessoal da apresentadora, que em um determinado momento se ajoelha diante de Vera.

Regina: Como é que eu vou fazer pra agradecer, gente, pra agradecer

tanta coisa que ela fez sem saber que era pra mim, que ela faz pra tantas outras pessoas? (...) Olha que coisa maravilhosa que é a vida, a vida surpreende a gente com maravilhas, como a Vera que é baiana da Portela e que me deu o Flávio, que cuidou da minha filha, que eu tenho que ajoelhar pra te agradecer. [Regina se ajoelha diante da mulher] Olha, na Vera eu agradeço milhões de mulheres como ela. Ele se formou, ele era técnico de enfermagem, agora ele é enfermeiro. Fala qual é o posto que ele ocupa agora lá no Getúlio Vargas [Hospital].

Vera: Ele está na chefia do hospital Getúlio Vargas, responsável pelo setor de transplantes.

Regina: E eu to muito orgulhosa que nem ela. A mulher negra, durante anos, no Brasil, quando conseguia subir um pouquinho, estudar um pouquinho, virava enfermeira. (...) Então na pessoa dela eu quero homenagear todas essas mulheres incríveis que conseguiram criar seus filhos dando amor e cuidado generoso a tantas outras pessoas. Muito obrigada, Vera!<sup>5</sup>

Além dos exemplos relacionados à categoria de Mãe, os segmentos em que as mulheres são consideradas Guerreiras também trazem interjeições de admiração e expressões de valorização da convidada. Integram esta classificação cinco segmentos, nos quais a apresentadora entrevista a cantora transgênero MC XUXU, a Ala das Baianas da Escola de Samba Acadêmicos do Tatuapé, a participante Sandra, que faz parte de uma das caravanas que formam o auditório, a convidada Eliane, fundadora do grupo Maracatu Feminino Coração Nazareno, e outras duas participantes do grupo de maracatu, Marta e Sônia.

A primeira, MC XUXU, é caracterizada como forte pelo enfrentamento do preconceito despertado pela condição de transgênero junto à sociedade de maneira geral e à comunidade onde nasceu.

MC XUXU: é, ainda não mudei o documento, aí no aeroporto às vezes fala: fulano! Aí eu tenho que... [faz gesto de levantar o braço timidamente e constrangida] É um pouco tenso, isso, e é muito complicado pra gente lidar com essas situações.

Regina: Não, a gente tá brincando e rindo, mas no dia a dia isso é muito puxado. Você ser zoado desde pequenininho o tempo todo, não é mole não, gente, é difícil pra caramba. Qual é o lema do “Esquenta!”?

Plateia responde: Xô preconceito!<sup>6</sup>

No caso da Ala das baianas e da convidada Sandra, os discursos são valorizados quando tratam de questões pessoais e histórias de superação das integrantes da Ala e da própria convidada do auditório, enquanto o papel de mulher forte da fundadora do grupo Maracatu Feminino, a convidada Eliane é centrado na iniciativa de criar um coletivo direcionado especialmente às mulheres, como atitude de enfrentamento ao preconceito masculino.

Regina: De onde veio a ideia de vocês de formar um maracatu só de mulheres?

<sup>4</sup> Trecho extraído da edição veiculada em 01 de fevereiro de 2015 do programa “Esquenta!”.

<sup>4</sup> Trecho extraído da edição veiculada em 04 de janeiro de 2015 do programa “Esquenta!”.



Eliane: É que os homens não deixavam que as mulheres participassem, mesmo eles se produzindo de baiana, de rainha, dama de paz, usando bigode, mas eles não queriam que as mulheres participassem, porque diziam que as mulheres eram negativas, que não podiam tocar neles.

Regina: Olha que preconceito, homem se fantasia de mulher no carnaval todo, mas mulher não pode entrar no maracatu, é uma loucura.

Eliane: Então, por Nazaré da Mata ser considerada por lei a Capital do Maracatu, e hoje também patrimônio imaterial nacional, então nós tivemos essa ideia de mostrar que também nós somos capazes, as mulheres não disputam força física, mas a gente disputa capacidade com os homens.

Regina: Muito barulho pra Eliane que teve essa iniciativa incrível, que quebrou mais essa barreira, muito barulho pra ela. A gente vê elas com essas roupas lindas e com isso tudo, cês não têm ideia do que essas mulheres aqui batalham e ralam, brincadeira é só o maracatu, o resto é só ralação, se elas pegam no pesado que nem homem, porque é que não vão brincar que nem homem também.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Trecho extraído da edição veiculada em 08 de março de 2015 do programa “Esquenta!”.

<sup>8</sup> Idem à nota anterior.

Por fim, em outro bloco do programa, as personagens Marta e Sônia, do mesmo grupo de maracatu, conversam com Regina, que vai até elas no auditório e se senta entre as duas, para ouvi-las. Marta conta que ela e Sônia são um casal lésbico, que vivem como companheiras e trabalham como cortadoras de cana. Ao terminar a história, Regina diz:

Regina: cês entenderam que elas levantam as duas horas da manhã, o ônibus pega, elas levam três horas pra ir até o lugar onde elas cortam cana, elas cortam cana o dia inteiro, de sol a sol, depois três horas pra voltar pra casa, dormir um pouco e levantar de novo. (...) Eu vou dizer, o serviço de vocês é o mais brabo que eu já vi. Sônia, qual é pra você a parte mais difícil?

Sônia: A parte mais difícil é a gente leva sol, chuva e muitas vezes, quando chega a hora do almoço, vou comer, tá azedo.

Regina: Isso também era muito comum, a comida saiu às 2h da manhã de casa, a comida fica numa soleira o dia inteiro, quando ela para pra comer, diz isso: vou comer tá azedo, a comida já não presta mais. E não é uma coisa que acontece de vez em quando, você se submeter a isso seguido, um dia, outro dia, é incrível como é que a gente, em 2015, ainda convive com esse tipo de realidade.<sup>8</sup>

Ainda deste último segmento, sobre a orientação sexual das duas convidadas, Sonia e Marta, e sua história de vida, a apresentadora manifesta-se com os seguintes comentários:

Regina: gente, pensa o que é isso, uma vida dura dessa e ela não pode viver naquele momento o amor da vida dela (...)

Regina: que mulheres corajosas! (...)

Regina: olha quantas dificuldades: você ser pobre, você ser preta, você ser nordestina, você ser gay, você ser cortadora de cana, você ter filho pra criar sozinha, você ter um marido que bebe, um marido que é violento... Por muito menos a gente desiste, por muito menos



a gente desanima. Se você tem algum preconceito, tá na hora de jogar fora.<sup>9</sup>

Assim, além do tom de voz empregado pela apresentadora, que circula entre a surpresa e a exaltação quase que religiosa, dos exemplos apresentados é possível extrair uma série de expressões que corroboram o empoderamento e a tentativa de gerar no telespectador uma admiração pela entrevistada. A cena em que Regina se ajoelha diante de uma das mulheres entrevistadas coroa esta tentativa, uma vez que o ato de prostrar-se ou ajoelhar-se diante de alguém denota respeito e admiração de caráter divinal.

Essas expressões divergem da maneira como se tratam dos demais perfis propostos para categorização das mulheres da periferia retratadas em “Esquenta!”. O segmento que se enquadra na descrição de 3) Jovem/deslumbramento, inclui uma cena em que Regina Casé dialoga com mulheres na plateia, que se mostram gratas e felizes pela participação no programa e que Regina trata com gentileza e em um tom alegre, porém não há aprofundamento no diálogo, são falas curtas, conforme o exemplo a seguir:

Regina: Ih, ela tá animadíssima lá em cima. Dá o microfone pra ela, senão ela vai se jogar! Como é seu nome, xuxu?

Mirlene: Meu nome é Mirlene, sou da Ilha do Governador. É a primeira vez que eu venho aqui, estou muito feliz, você tá de parabéns, todo mundo gosta de vocês lá de onde eu moro, adorei conhecer você!

Regina: Salva de palmas para a Mirlene e o pessoal da Ilha do Governador!<sup>10</sup>

No trecho que compõe este segmento, esta e outras convidadas movimentam-se, gritam e gesticulam como estivessem extremamente felizes por estarem no programa e na televisão, e são apresentadas sob um enfoque de deslumbramento com esta condição.

Por fim, a convidada apresentada com o perfil 5) Outro é uma das pessoas do auditório, que durante interação com Regina fala sobre um caso da sua vida amorosa, porém se aparenta um viés neutro, sem características de empoderamento ou de desqualificação.

Dessa forma, é possível perceber que o programa “Esquenta!” se utiliza da fala e da condução da própria apresentadora Regina Casé, bem como da seleção das possíveis entrevistadas, para priorizar as histórias de empoderamento, quando se trata de mulheres da periferia. Em geral, são histórias de mulheres que vivem sob diferentes tipos de desafios e dificuldades, mas que, por meio de características pessoais e força familiar ou do grupo ao qual pertencem – as baianas, o maracatu, por exemplo – souberam e conseguiram viver histórias de superação.

Percebe-se que em nenhum dos casos elas são tratadas pelo viés da hipersensualização, bem como são mulheres que não correspondem aos padrões estéticos vigentes. São mostradas como mulheres ativas e protagonistas de suas próprias vidas. No entanto, o discurso das próprias mulheres é sempre validado pela apresentadora e é demonstrado com

<sup>9</sup> Idem à nota anterior.

<sup>10</sup> Trecho extraído da edição veiculada em 01 de fevereiro de 2015 do programa “Esquenta!”.

um olhar compensatório – as entrevistadas não são fortes, apenas. Elas são colocadas como fortes apenas mediante as situações que lhes foram impostas pela vida e apresentadas dessa maneira como forma de compensar outros aspectos, como se todo o restante na vida dessas mulheres fosse considerado pelo programa como negativo. No sentido de que, com a garra e a força, elas estivessem compensando as mazelas da falta de recursos para cuidados pessoais, dificuldades financeiras, desagrados estéticos ou até mesmo dificuldades como ser mãe solteira.

Também sob este viés, o discurso da apresentadora é decisivo. Por meio da fala de Regina Casé, se promove uma legitimação das mulheres como figuras guerreiras, como se apenas a fala das próprias entrevistadas não fosse suficiente. Com frequência, a entrevistada conta sua história e Regina conta novamente, com outras construções linguísticas. Esse ponto denota a utilização de um discurso que não se preocupa apenas em empoderar as minorias, mas talvez de autoempoderamento, no sentido de que as palavras dessas mulheres não conseguem demonstrar os seus deslocamentos e reorganizações a partir da alteridade, pois são condicionadas a receber por parte da audiência sempre a mesma interpretação – a sensualizada, a marginalizada.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar sobre as dez primeiras edições de 2015 do programa “Esquenta”, este artigo observou trechos protagonizados por pessoas não famosas, analisando a presença da mulher de periferia na atração, seus relatos pessoais, suas falas e o discurso da apresentadora Regina Casé com relação às mesmas.

Por meio de uma análise de conteúdo, percebeu-se que é possível categorizar essa presença televisiva das mulheres de periferia no programa “Esquenta!” enquadradas em cinco perfis – sendo estes o de 1) Mãe; 2) Guerreira; 3) Jovem; 4) Sedutora; 5) Outro. Os dois primeiros perfis predominaram, o de mulher que luta para garantir o sustento dos filhos e a de mulher autônoma, ativa, forte, que luta pelos seus direitos e é responsável por si mesma e pelos seus.

Este resultado demonstra que o programa “Esquenta!” em parte destoa do olhar que é comum nas diferentes mídias, de desqualificação e objetificação da mulher, e se utiliza das próprias histórias das participantes e da ação da apresentadora Regina Casé para promover um protagonismo das mulheres da periferia, mostrando-a como um agente ativo e de importância fundamental na rotina da população em questão.

Por outro lado, esse protagonismo é direcionado pelo discurso do programa no sentido de destacar a força dessas mulheres com um tom compensatório aos demais aspectos da vida de quem vive na periferia – dificuldades sociais e econômicas, aspectos estéticos, entre outros. Isso configura um tipo de representação estereotipada, como de costume realizado pelos meios de comunicação ao falar de classes subalternas, evidenciando tais características em detrimento de uma série de outras importantes na identidade desse grupo se estabelece um olhar simplificador no entendimento desses grupos sociais.

Percebeu-se, por exemplo, que nos casos em que a mulher é

apresentada como guerreira, não se enaltece sua sensualidade. Ou seja, para que seja retratada como forte, uma mulher não pode ser mostrada na esfera midiática como sensual? Ou será que apenas não corresponde aos padrões estéticos que a televisão insiste em reforçar?

Outro elemento importante no processo de representação dessas mulheres se dá na necessidade de reforçar, a partir da fala da apresentadora, o discurso das mulheres, como se somente os depoimentos não fossem suficientes para convencer a audiência dessas características. Assim, percebe-se que o programa, mesmo dando abertura para a fala dessas minorias, ainda utiliza de recursos narrativos e próprios do gênero televisivo para reforçar as impressões que consideram adequadas, direcionando todas as narrativas ao objetivo do programa e não necessariamente das mulheres por ele representadas.

#### REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KEHL, Luis. **Breve História das Favelas**. São Paulo: Claridade, 2010.

MEIRELLES, Renato. ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.